

2007-05-06 - 00:00:00



Hospital Dona Estefânia

Vestígios de Jacinta apagados

Quando cruzou as portas do Hospital D. Estefânia, em Lisboa, no dia 2 de Fevereiro de 1920, Jacinta Marto, a mais nova dos três Pastorinhos, estava já muito debilitada. Gravemente doente há mais de um ano, a vidente esteve 18 dias na enfermaria do hospital.

Manuel Moreira

Só as fotografias de Jacinta nos corredores do Hospital da Estefânia recordam a passagem da vidente pelo estabelecimento, onde acabou por falecer a 20 de Fevereiro de 1920

Chegou a ser operada para lhe aliviarem o sofrimento, mas desse período ficou apenas o registo da sua entrada e algumas fotos das pessoas que lidaram de perto com a ela.

As duas camas onde engoliu em silêncio a dor da doença – numeradas como 38 e 60 – desapareceram. Os lençóis, cobertores ou batas já não existem. E nem a cadeira que Jacinta sinalizou como “o sítio onde Nossa Senhora se sentava quando a ia visitar ao hospital” ficou para recordação. “Desapareceu quase tudo”, lamenta o padre Carlos Azevedo, capelão do hospital e um fiel seguidor da Mensagem de Fátima.

Segundo o capelão, “na remodelação do hospital todo o material se perdeu”. “Sabemos qual a zona onde estavam as camas mas, mesmo assim, o local está esbatido pelo facto de o hospital ter passado a albergar três pisos”, assume.

As fotos que existem estão distribuídas pelos corredores dos três andares, numa pequena exposição que é o símbolo mais marcante da presença da beata no hospital.

Na primeira ala, inaugurada pelo Cardeal-patriarca de Lisboa em 2004, está uma cópia do registo de baptismo de Jacinta e alguns recortes de jornais. A segunda parte da exposição está afixada no 1.º andar, próxima do bloco operatório, mas o corredor quase parece um local deserto. Na parede, as fotos daqueles que lidaram mais de perto com a Pastorinha: as enfermeiras Leonor da Assunção e Aurora Costa Gomes e o médico que a encaminhou para a Estefânia, Eurico Lisboa.

O lugar mais simbólico surge apenas no segundo andar, ao lado de uma unidade de queimados, encerrada há muito para obras de melhoramento. As flores no chão dão um ar de culto ao corredor e a imagem da vidente ganha especial destaque. Por cima, uma placa dourada assinala o sítio onde Jacinta padeceu até à morte: “Deste local partiu para o Céu em 20/02/1920 a Pastorinha de Fátima, Jacinta Marto, a quem Nossa Senhora apareceu”, lê-se.

Apesar do silêncio dos corredores, o hospital parece ganhar vida na agitação das enfermarias. Os dois pisos com alas corridas foram substituídos por três andares, divididos por esquematizadas enfermarias. Os quartos não têm mais de quatro camas cada.

É nesta zona do hospital que vive mais intensamente a mensagem de Jacinta. Curiosa com o passeio dos repórteres pela enfermaria, a avó do pequeno David questiona o padre Carlos sobre os motivos da visita. O capelão explica que o CM está a fazer um trabalho sobre a Pastorinha de Fátima. Com os olhos cintilantes, diz de imediato. “Esta criança que vêem é um autêntico milagre. Já deu seis pontapés na morte.” Ciente do esforço do hospital no tratamento do neto, acrescenta: “Continuam a acontecer milagres neste hospital.”

UMA OPERAÇÃO DOLOROSA

Quando o médico Eurico Lisboa decidiu levar Jacinta para Lisboa, nenhuma família recebeu a menina. “Estava gravemente doente e já havia muita gente à volta dos Pastorinhos”, conta o padre Carlos. Depois de acolhida no Orfanato Nossa Senhora dos Milagres, foi internada no Hospital Dona Estefânia. Num depoimento, o médico que operou Jacinta lembra o seu sofrimento. “Chegou ao hospital num estado muito grave.” Sofria de pleuresia, inflamação das pleuras pulmonares e a operação serviu para retirar o pus. A debilidade impediu a aplicação de anestesia geral. “A anestesia local em tecidos que estão já muito inflamados causa um sofrimento muito grande”, disse.

UM SANTUÁRIO NO HOSPITAL

Segundo o padre Carlos Azevedo, o hospital recebe “dois mil peregrinos por ano, a maioria estrangeiros”. E porque “os santos são do sítio onde morrem e não do sítio onde nascem”, o capelão defende que “Jacinta é a grande Santa de Lisboa”. Por isso, assume que “a Igreja tem a intenção de transformar o hospital num espaço sagrado”. “Um santuário com área museológica”, diz. “Há projecto e inspiração, falta juntar a vontade dos governantes.”

MÉDICO PAGO COM CEREAIS E AZEITE (Apontamentos históricos)

MEDICAMENTOS ERAM SUBSTITUÍDOS POR CHÁS E MEZINHAS

Os cuidados de saúde eram muito precários no tempo das Aparições. O médico só era chamado em momentos de desespero. Eram poucos ou mesmo nenhuns. Os habitantes da freguesia de Fátima recorriam ao ‘dr. Alves’, processando-se o pagamento das consultas ou das visitas domiciliárias por avença anual em cereais ou azeite. Nos casos mais vulgares do dia-a-dia procurava-se o ‘cirurgião’ (o ‘surjão’, como se dizia no meio) sendo muito conhecido em Fátima o senhor Matias – que além de enfermeiro era endireita. Farmácias só existia uma, em Ourém, onde se localizava também um hospital com escassos recursos técnicos e humanos.

Os partos tinham lugar em casa, com assistência de uma parteira – ‘a comadre’. Nestas circunstâncias, em que à falta de competência se juntava a ausência de cuidados higiénicos, não admira que a mortalidade infantil fosse elevadíssima.



Perante este panorama de distâncias a vencer, a pé ou em meios de transporte morosos, além das dificuldades económicas, não havia outro processo se não recorrer à medicina caseira: para todas as doenças – febres, pontadas, espinhela caída, dores de cabeça, prisão de ventre, tuberculose nos ossos e outras – havia chás e mezinhas, com orações e benzeduras à mistura. Ou seja, a fronteira entre medicina popular e superstição era extremamente ténue.

A epidemia pneumónica, ocorrida entre 1917 e 1922, dizimou muitas vidas na freguesia de Fátima, sobretudo em 1918. Francisco, em 1919, e a sua irmã Jacinta, no ano seguinte, faleceram com esta doença.

ENVIU SEGREDO PARA O VATICANO - D. José Alves Correia (Figuras do milagre)

O primeiro bispo da restaurada diocese de Fátima foi o grande promotor e gestor da expansão e organização do culto de Fátima, bem como da construção do Santuário. Em 1941, Lúcia revelou-lhe as duas primeiras partes do Segredo e, em 1944, enviou-lhe um subscrito contendo a terceira parte. D. José Alves Correia remeteu-o, sem abrir, ao Papa Pio XII, em 1957. Só seria aberto por João Paulo II, após o atentado de 1981.

"JOVENS TÊM SEDE DO ESPIRITUAL", Carlos Azevedo, bispo auxiliar de Lisboa

- CM – O que o impressiona nas Aparições?

- C.A.– O facto de crianças simples acolherem o mistério com total disponibilidade do coração. Numa época marcada pela contrariedade em relação ao fenómeno religioso, é impressionante numa zona de serra distante e desconhecida verificar-se a presença de uma espiritualidade profunda perante o milagre de Maria.

- Há cada vez mais jovens nas peregrinações. Porquê?

- Resulta de uma sede do espiritual e infinito a que muitas vezes a sociedade não responde, seja através da família ou da escola. Os jovens procuram satisfazer essa sede para a qual não encontram resposta no imediato, quer nos prazeres, quer nas muitas ofertas que a sociedade lhes coloca.

- Como vê o negócio em torno do Santuário?

- É natural. Os fiéis procuram levar recordações e tem de haver quem responda a essa necessidade.

EXCEPÇÃO

As aparições ocorreram entre Maio e Outubro de 1917, em dias 13, na Cova da Iria, excepto a quarta. Esta aparição deu-se nos Valinhos, a 19 de Agosto

NOME IMPOSTO

Maria Rosa foi o nome inicialmente escolhido para Lúcia, mas o pai da madrinha não deixou: “Tem de ser Lúcia. Se assim não for não te deixo ser madrinha”

APRENDER A LER



Só depois das Aparições Lúcia foi à escola. Tinha dez anos. Naquele tempo era raro as meninas aprenderem a ler. A escola era só para os rapazes

SEGREDO E MILAGRE

O Segredo de Fátima foi comunicado aos videntes na terceira aparição (Julho). Ficou também a promessa de um milagre para a última aparição (Outubro)

TRÊS PARTES

O Segredo de Fátima é composto por três partes: 'A visão do Inferno'; 'A devoção ao Imaculado Coração de Maria' e 'O século dos mártires'

Diana Ramos